



# DÚVIDAS DE UM TRADUTOR

<https://doi.org/10.22201/fesa.figuras.2021.3.1.196>

 Pedro Eiras

O sol brilha, o ar é leve,  
sento-me à secretária para traduzir a *Comédia*  
de Dante.

*Inferno*, Canto I, primeiro verso:

*Nel mezzo del cammin di nostra vita...*

Mas como assim: *nel mezzo*,  
e quem sabe quando chegou  
a meio, se só é certa  
a data  
da chegada (e nem essa: ninguém se lembra  
de nascer), tão duvidosa  
a da saída, cair do pano,  
insolvência do grande  
teatro?

Mas como assim: *del cammin*,  
se é caminho este tropeço  
de dias somados  
em sono,  
este hipnótico mapa  
que jura: *você está aqui*,  
mas não sabe dizer onde  
é *aqui* exactamente  
(esta areia no deserto, igual a todas  
as areias, todos os  
desertos)?

Mas como assim: *di nostra*,  
e quem é *nós*, e quem sou *eu*,  
e quem guarda assim nas mãos  
moedas, enciclopédias, uma corrida  
do coração,  
quem possui  
nome, lembrança, desejo,  
se todos os dias ao espelho  
aponta: *quem és tu?*,  
e molda a máscara do dia  
(cada vez mais parecida  
com ninguém)?

Mas como assim: *vita*, sopro,  
parafuso químico do sangue,  
a dobra, na cara, da almofada,  
ou talvez um nome decorado,  
glosa dos dias repetida  
na fotografia tipo passe,  
será isto (um apelido extravagante,  
a estalar na tua  
boca)  
a tua vida?

Mas o sol brilha, o ar é leve,  
e eu traduzo o canto incerto:  
*No meio do caminho da nossa vida*,  
e sigo para o segundo verso. ♦